
Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Renan Quinalha | Imagem: [A Terra é Redonda](#)

Corpos dissidentes – Resenha de *Contra a Moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT*, de Renan Quinalha

Matheus Carvalho de Abreu (UFS)

Resumo: *Contra a Moral e os Bons Costumes*, de Renan Quinalha, investiga a repressão à comunidade LGBT+ durante a ditadura civil-militar brasileira. A limitação geográfica e o foco predominante na homossexualidade masculina são pontos negativos. Destacam-se a originalidade temática e a sólida análise documental como méritos centrais.

Palavras-chave: repressão; Ditadura Militar; sexualidades dissidentes; Renan Quinalha; historiografia crítica.

Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT é uma obra voltada para a investigação da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) frente aos indivíduos LGBTQIA+, ou seja, é um livro que procura desvendar as políticas de controle sexual das pessoas da referida comunidade. Essa investigação, conduzida por Renan Quinalha, pesquisador e estudioso no assunto, busca tratar de políticas que visavam controlar a moral, censurar as práticas consideradas “desviantes” e instituir uma violência contra os “corpos subversivos” de indivíduos pertencentes à comunidade LGBTQIA+. Portanto, a sexualidade está no escopo dessas políticas repressivas. Renan argumenta que esse assunto foi de grande preocupação para algumas autoridades, na forma de uma ameaça à ordem social, à família, juventude e à segurança nacional.



Publicada em 2021 pela editora Companhia das Letras, após ser adaptada da tese de doutorado do mesmo autor, *Contra a Moral e os Bons Costumes* possui 416 páginas. Trata-se de uma obra de cunho teórico e analítico que aborda um tema sensível, frequentemente negligenciado pela historiografia tradicional. Renan Quintanilha é professor de direito na Unifesp, além de advogado e ativista. Importante mencionar que o autor atuou como assessor jurídico na Comissão da Verdade do Estado de São Paulo.

No primeiro capítulo, o autor procura analisar as ações da repressão, com as batidas policiais, citadas anteriormente, fazendo parte do cotidiano da ditadura militar. Assim, estiveram no alvo da polícia e da violência estatal indivíduos considerados de caráter desviante, como prostitutas, homossexuais e travestis. Quinalha argumenta que a repressão contra homossexuais, por exemplo, embora difira bastante da empreendida contra a indivíduos da resistência armada, também ocorreu, por outros modos, com ações, omissões e/ou conivências estatais. O autor argumenta que a repressão aconteceu e foi possível devido à centralização do poder sob a ditadura. Renan explora esse assunto ao tratar da atuação, por exemplo, do delegado José Wilson Richetti, que comandou rondas policiais com foco principalmente em homossexuais e travestis das classes populares. Essas rondas tinham como objetivo a “limpeza” da cidade, mas, ainda assim, José Wilson enfrentou manifestações contra sua pessoa e seus “rondões”, como a realizada nas escadarias do Theatro Municipal de São Paulo, no dia 13 de junho de 1980.

O segundo capítulo explora o surgimento do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) e as mudanças de sua nomenclatura até chegar a LGBT. O autor destaca que passou por Gays, Lésbicas e Simpatizantes (GLS) e Gays, Lésbicas e Travestis (GLT), sinalizando, pela primeira vez, uma inclusão dos transsexuais. Posteriormente, transformou-se em Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis (GLBT e, depois, LGBT). Nesses dois últimos, pela primeira vez, bissexuais seriam incluídos. O capítulo aborda as ações do MHB entre 1978 e 1981, buscando entender as articulações desse movimento nas áreas de São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, em 1980, ocorreu o I Encontro Brasileiro de Homossexuais, no Diretório Acadêmico da Fundação Getúlio Vargas. Dessa forma, o autor argumenta que o movimento homossexual, durante a ditadura, foi resultado da repressão e reação a ela.

No terceiro capítulo da obra, Quinalha investiga como o jornal *O Lâmpião na esquina* se transformou em um dos principais instrumentos de articulação na busca pela denúncia, organização e expressão da resistência. Assim, com o jornal, o movimento homossexual encontrou uma forma de lutar contra a repressão militar. A obra de Quinalha acerta muito ao expor as origens do jornal, inclusive na escolha de seu nome. Isso porque Lâmpião

remete ao cangaceiro nordestino, como um símbolo de virilidade, como “macho”, assim, quebrando o estereótipo da “bicha”. *Lampião* também é uma referência ao ato de iluminar, no sentido de guiar os leitores em meio à noite (p. 205). Portanto, *Lampião* se destacou durante a ditadura militar como um jornal que denunciava abusos policiais, prisões e censura por meio dos seus editoriais. Além disso, produzia reflexões políticas sobre identidade e sexualidade. Para o autor, era um jornal que se propunha a “furar a bolha” e ser lido não apenas pelo público homossexual, mas como um canal de expressão de uma visão crítica dos homossexuais e da ocupação dos espaços públicos.

O quarto capítulo da obra descreve como a censura foi utilizada como instrumento do regime, com o objetivo de controlar as sexualidades dissidentes. Ou seja, para além da censura política, existiu uma moral e um comportamento. Assim, é possível perceber um pouco mais do caráter analítico da obra ao referenciar que a censura não é algo exclusivo da ditadura militar brasileira, tendo existido em outros contextos e sendo usada por instituições como a Igreja e o Estado português. Assim, no contexto da ditadura, especificamente, a censura foi utilizada como meio de controle dos corpos e na defesa de uma moral pregada pelo Estado brasileiro.

Nas considerações finais do livro, Renan trata de assuntos que exigem a ação integrada da comunidade LGBTQ+. O autor destaca avanços ocorridos nos últimos anos, como o reconhecimento da união estável e do casamento de indivíduos homoafetivos e a criminalização da Lgbtphobia, ocorrida em 2019.

Quinalha erra ao não expandir o eixo geográfico de análise, limitando-se a São Paulo e Rio de Janeiro. O autor não tinha a intenção de tratar para além desse eixo, mas essa ampliação seria interessante como informação e termo de comparação. Além disso, há uma predominância da homossexualidade masculina. Considerando que a homossexualidade feminina já enfrentava repressão específica e se articulava em resistência na época – evidenciado pelas operações policiais como a "Operação Sapatão" e pela resistência das ativistas lésbicas no Ferro's Bar contra a expulsão, ao venderem o boletim *Chana com Chana* – o autor erra ao não aprofundar a análise dessas experiências femininas, contribuindo de certa forma para a invisibilidade histórica da lesbianidade durante a ditadura.

Por outro lado, o livro procura analisar – e consegue muito bem – os meandros da repressão do regime militar, que não foi apenas política, mas também ideológica, funcionando como um controlador de indivíduos considerados desviantes. A análise de fontes primárias merece destaque, principalmente pelo compartilhamento das evidências – como algumas manchetes do jornal *O Lampião da Esquina*, as fontes estatais e os textos da Comissão Nacional da Verdade – com um público mais amplo. Além disso, procura se apoiar numa base teórica bem definida, proveniente de autores como Michel Foucault, Judith Butler e Giorgio Agamben e questiona o silêncio da historiografia tradicional sobre as sexualidades dissidentes no contexto da Ditadura Militar.

Em suma, *Contra a Moral e os Bons Costumes* é uma obra que acerta muito ao inovar no tema e na investigação historiográfica. Cumpre bem o seu objetivo e deve ser leitura obrigatória do cidadão comum, engajado em lutas por igualdade e democracia.

Referências

QUINALHA, Renan. *Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBTQ*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 416.

Sumário de *Contra a Moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT*

Introdução

1. A violência nas ruas: controle moral e repressão policial
2. “Descobrimos que não estávamos sozinhos”: movimento homossexual na ditadura
3. Lâmpião na Esquina
4. A censura em nome da moral e dos bons costumes

Agradecimentos

Cadernos de imagens

Notas

Referências bibliográficas

Créditos das imagens

Sobre o autor

Resenhista



Matheus Carvalho de Abreu é mestrando em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e graduado em História pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Entre outros trabalhos, publicou [Trilhos e Memórias: As Formas de Resistências nas Comunidades no Corredor Carajás](#). Atualmente, pesquisa sobre a repressão à comunidade LGBT+ no contexto da Ditadura Civil-Militar no Maranhão. ID do Currículo LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6528678965511379>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7731-9791>; Redes sociais: @math_hist23; E-mail: matheusmd343@gmail.com.

Para citar esta resenha

QUINALHA, Renan. *Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 416. Resenha de: ABREU, Matheus Carvalho de. *Corpos dissidentes. Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 24, p. 34-37, jul./ago., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).